

Capitais ibéricas da resistência antiditatorial e anticolonialista: redes e cumplicidades no mundo da edição nos anos 1960-70

Daniel Jorge Seixas de MELO
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
daniel.melo@fcs.unl.pt

Résumé : Ce texte traite de l'échange résultant de l'intervention d'éditeurs et de libraires qui, soutenus par des réseaux tissés à partir de leurs organisations basées dans les capitales ibériques, ont marqué la résistance politico-culturelle et civique à l'intérieur des murs et en exil contre les dictatures Ibériques, les impérialismes et le colonialisme tardif (années 60-70). Lisbonne et Madrid seront étudiées du point de vue des liens établis avec d'autres villes ayant des affinités spécifiques avec ce militantisme et avec des traditions dans l'échange culturel et la circulation de livres, comme Barcelone, Paris, Porto, Rio de Janeiro, São Paulo et Mexico. L'analyse se concentrera sur certains réseaux et institutions qui représentent cet échange et cette résistance. Il s'agit d'un essai exploratoire basé sur l'approfondissement d'études antérieures, sur l'analyse et la problématisation d'une bibliographie récente et de référence et sur des recherches inédites dans des archives publiques et privées.

Abstract: This text deals with the exchange resulting from the intervention of publishers and booksellers who, supported by networks woven from their organizations based in the Iberian capitals, marked the politico-cultural and civic resistance within the walls and in exile against the Iberian dictatorships, imperialisms and remaining colonialism (1960s-70s). Lisbon and Madrid will be studied in their connection with other cities with specific affinities in this activism and with traditions in cultural and book exchange, such as Barcelona, Paris, Porto, Rio de Janeiro, São Paulo and Mexico City. The analysis will focus on certain networks and institutions that represent this exchange and resistance. This is an exploratory essay based on the deepening of previous studies, on the analysis and problematization of recent and reference bibliography and on new research in public and private archives.

Mots-clés : Transferts culturels, histoire de l'édition, internationalisme, anticolonialisme, antifascisme, capitales des idées, histoire du livre.

Keywords: Cultural exchange, history of publishing internationalism, anti-colonialism, antifascism, cultural capitals, book history.

Este texto aborda o intercâmbio decorrente da intervenção de editores e livreiros que, apoiados em redes tecidas a partir das suas organizações sediadas em capitais ibéricas (Lisboa, Madrid e Barcelona), marcaram a resistência político-cultural e cívica intramuros e no exílio contra as ditaduras ibéricas, os imperialismos e o colonialismo remanescente (anos 1960-70). Este triângulo será estudado na sua conexão com outras cidades com afinidades específicas nestas militâncias e com tradições (de distinta natureza) no intercâmbio cultural e livresco, como Paris, Porto, Rio de Janeiro, São Paulo e Cidade do México. Terá como enfoque a análise de algumas redes e instituições representativas desse intercâmbio e dessa resistência, como a livraria-distribuidora-editora Ulmeiro, a Editorial Ayuso, a Ruedo Ibérico, a Cuadernos para el Diálogo/Edicusa e Maspero. Propõe-se este mapeamento e digressão também como achega para a compreensão da circulação, conhecimento e recepção da edição (e da cultura) ibérica (mas também europeia, africana e americana) durante os anos 1960-70.

Trata-se de um excuro exploratório assente no aprofundamento de estudos anteriores, na análise e problematização de bibliografia específica recente e de referência e na pesquisa inédita em arquivos públicos e particulares.

1. Contexto político: antifascismo, anticolonialismo, terceiro-mundismo e anti-imperialismo

Ainda que tenha características inovadoras e esteja associado a novas gerações, o engajamento cívico-cultural dos anos 1960-70 centrado nas cidades ibéricas e conexas dialogou com vários legados, da resistência antifascista dos anos 1930-40 à militância pela descolonização que se seguiu ao fim da II Guerra Mundial, só para mencionar dois dos filões mais influentes¹. A «maré anticolonial» foi muito relevante pois inspirará o movimento dos não-alinhados (encontros em Bandung, 1955, e Belgrado, 1961)². A sua radicalização progressiva (pela Índia, Egito, Indonésia, China e Cuba) conduz ao movimento do Terceiro Mundo, com o seu zénite na Conferencia Tricontinental e na adjunta fundação da Organización de Solidaridad con los Pueblos de Asia, Africa e America Latina (OSPAAAL), ambas em Havana em 1966³. Estes movimentos, mais o castrismo, o Maio de 68 e outras correntes irão despoletar o novo movimento anti-imperialista na Europa, incluso nas capitais ibéricas, onde a denotação imperialista remetia também para a excrescência que era Portugal enquanto potência colonial recalcitrante.

O contributo duma «nova geração de editores militantes» foi decisivo neste âmbito, tendo-se constituído então «um arquipélago de casas editoras no cruzamento de combates comuns (Argélia, Bolívia, Cuba)»⁴. Todavia, os terceiro-mundistas de Lisboa, Madrid,

¹ Sobre a militância pela descolonização vd. MELO, Daniel. «“Se cambian los tiempos, se cambia la voluntad”: edición, lectura y cambio cultural en el Portugal de los largos años sesenta». *Cercles*, vol. 21 (2018), p. 15-45, e MELO, Daniel. «The Contribution of Lusophone publishing in the autonomy of the periphery: exile, diaspora, anti-colonialism and national literature in Africa». *Modernity, Frontiers and Revolutions*. Leiden: Taylor & Francis Group, 2018, p. 407-414. Sobre a resistência antifascista vd. *ibid.* e ROJAS, Francisco. *Dirigismo cultural y disidencia editorial en España (1962-1973)*. Alicante: Universidad de Alicante, 2013.

² ALEXANDRE, Valentim. «Portugal, o Império e a maré anticolonial (1945-1975)». *Casa dos Estudantes do Império*. Lisboa: Edições 70, 2017, p. 19-33.

³ BRIEUX, Jean-Jacques. «La Tricontinentale». *Politique étrangère*, vol. 31 (1966), p. 19-43; BOUAMAMA, Saïd. *La Tricontinentale*. Paris/Genebra: Éditions Syllepse/CETIM, 2016.

⁴ HAGE, Julien. «Tribunes éditoriales de l’anti-impérialisme latino-américain en Europe dans les années 1960 et 1970». *La diplomatie par le livre*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011, p. 367.

Porto ou Barcelona deviam travar ainda uma luta contra as ditaduras ibéricas e contra o colonialismo português, o que também teve implicações na edição em circulação, feita da sobreposição de todas estas preocupações e causas e fortemente condicionada pela censura e perseguição políticas.

2. As redes e intercâmbios em Lisboa: a Ulmeiro enquanto caso *sui generis*

No contexto português, e porque justamente a oferta bibliográfica autóctone se encontrava sob controlo férreo da censura política, houve que recorrer com redobrado vigor à importação da produção de países com os quais se partilhavam causas ou afinidades políticas, culturais, linguísticas, cívicas e/ou literárias, como Espanha, França e Brasil. Daí a particular relevância das distribuidoras e das livrarias, que se encarregavam de criar os circuitos pelos quais escoavam essas armas subversivas.

Neste contexto, destacou-se a Ulmeiro, criada enquanto livraria-distribuidora em 1969, no populoso e fervilhante bairro de Benfica, em Lisboa. Teve particularidades que lhe conferiram maior influência e representatividade. Em primeiro lugar, esteve profundamente ligada à resistência político-cultural: o seu mentor principal, José Antunes Ribeiro (doravante, JAR), militou no catolicismo progressista, colaborando na revista *O Tempo e o Modo* e assinando manifestos antiditatoriais, e foi dirigente e apoiante de cooperativas culturais, as quais tinham conexões com as associações de estudantes universitários, criando logo aí uma rede semilegal de circulação das obras subversivas⁵. Devido à sua ligação aos mundos político, associativo e estudantil, a Ulmeiro conseguiu distribuir livros em múltiplos pontos de Lisboa: além do circuito referido, fê-lo ainda por quiosques, tabacarias, papelarias, livrarias, etc.

Em segundo lugar, e derivado da sua missão cívico-cultural, tornou-se também numa editora (além de galeria de arte e discoteca). Ora, o cruzamento livraria-editora/livraria-distribuidora/editora-livraria/editor-livreiro tornou-se uma fórmula seguida por estas novas gerações de profissionais/militantes do livro, de Portugal a França (v.g., Maspero), passando por Espanha (v.g., Ayuso) ou Itália (v.g., Feltrinelli). Falarei dalguns deles adiante.

Em terceiro lugar, a Ulmeiro foi uma das novas organizações engajadas do mundo do livro que mais procurou a conexão ibérica (e latino-americana). Fê-lo por vários meios:

- 1) importação e distribuição de livros editados em Espanha e/ou de autores espanhóis;
- 2) edição de publicações de autores espanhóis e/ou de temática ibérica;
- 3) tertúlias com apresentação desses livros, declamações, etc.;
- 4) distribuição de livros de temática ibérica doutras editoras portuguesas;
- 5) convívio com demo-cristãos do grupo Cuadernos para el Diálogo;
- 6) encontros com editores espanhóis para divulgação da edição e Letras lusas.

Para a sua função de pólo cívico e cultural deu contributo relevante a importação e venda de obras na Ulmeiro de editores, livreiros e/ou distribuidores espanhóis resistentes ao franquismo ou desalinhados, a maioria sediada em Madrid: Aguilar, Ayuso, Ciencia Nueva, Grijalbo, Ediciones Istmo, Edicusa, Ruedo Ibérico, Editorial Zyx/Zero, Seix Barral e Siglo XXI de España Editores. Entre estes, estavam neófitos que se tornarão

⁵ Essas organizações serão alvo de redobradas perseguições e retaliações oficiais nesse ocaso ditatorial. Para uma introdução à acção inicial da Ulmeiro e do seu editor vd. MELO, Daniel. «José Antunes Ribeiro (Alburitel, 1942-)». *Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI) - EDI-RED*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 12/2019.

cúmplices da Ulmeiro, como Jesús Ayuso (fundador da livraria Fuentetaja, em Madrid) e Miguel Ibañez (da distribuidora Trilce, nos arredores de Madrid), ambos se tendo tornado editores pela mesma motivação política e cívica de JAR. Outro caso próximo é o de Manel Aisa Pàmols, mentor da livraria Manel Aisa Libros, em Barcelona, ainda no activo. Este novo tipo de militante cultural na Península Ibérica ditatorial tem o seu palco principal nas grandes cidades locais, à imagem do que sucedia noutras cidades e países europeus próximos.

Cabe referir que a distribuição de livros, revistas, cartazes e discos pela Ulmeiro se fazia pelo país inteiro, mas Lisboa tinha preponderância por ser a cidade mais populosa, mais reivindicativa e sede da organização. A partir de documento confiscado pela polícia política ao distribuidor-livreiro-editor, no âmbito da apreensão de livro seu, fez-se uma reconstituição da rede de postos de distribuição associados, não exaustiva pois houve mais pontos que integraram essa rede (a começar pela livraria Ulmeiro), como atestam documentação dessa polícia, noticiário de imprensa e informações de JAR⁶. Seja como for, tal documento lista 90 pontos de venda que absorveram 836 dos mil exemplares dessa edição. Quase metade se situava em Lisboa (42 unidades). Se lhes juntarmos os entrepostos das urbes do *hinterland* lisboeta (Almada, Algueirão, Alverca e Amadora), ascende a 55,6% do total. Os entrepostos da capital distribuía-se por duas grandes áreas, a Baixa-Chiado, zona nobre do comércio livreiro, e Avenidas Novas, zona nova de expansão urbana, em ambas residindo, trabalhando, estudando ou circulando quotidianamente cidadãos das classes médias, funcionários públicos, empregados nos serviços, profissionais liberais, estudantes, etc., i.e., estratos sociais mais qualificados, mais consciencializados e com maiores rendimentos ou predisposição de compra deste tipo de bens culturais. A estes, juntam-se os entrepostos dispersos por bairros operários e/ou da pequena-burguesia, como Moscavide (na zona oriental), Anjos e Estefânia (no eixo central), Campo de Ourique, Rato/Estrela, Madragoa, Alcântara e Ajuda, na zona ocidental. Juntos representavam acima de 1/3 dos entrepostos, tendo um ainda mais expressivo *stock* de exemplares (109 em 282, ou 38,65% do total).

A maioria dos livros importados pela Ulmeiro provinha de autores da esquerda ibero-americana e europeia, em edições publicadas em Madrid, Barcelona e outras urbes deste circuito cultural-editorial-literário-cívico (cf. ilustrações 1 e 2). Desse modo, ajudou a disseminar na capital e noutras cidades autores do chamado *boom* literário, da nova literatura espanhola⁷, de teóricos marxistas e do terceiro-mundismo.

Ilustração 1: livros importados de autores ibero-americanos e/ou sobre estes (amostra)

Título	Autor	Data	Género literário	Dados da v.o. e/ou da importada
<i>Conversación en la catedral</i>	Mario Vargas Llosa	1969	Romance	Bcn, Seix Barral, col. Biblioteca Breve
<i>Nueve novísimos poetas españoles</i>	AAVV; José María Castelet (org. e pref.)	1970		1. ^a ed., Bcn, Barral Editores

⁶ «Distribuição do livro “Histórias do cárcere”», de 12/10/1970, ass. JAR [DGLAB/ Arq.º PIDE/DGS/ Pide, SC, CI(1) 2224, NT 1242, pt. 2, fls.88-92].

⁷ *Nueve novísimos poetas españoles* é, porventura, a obra de literatura contemporânea espanhola mais relevante distribuída pela Ulmeiro, divulgando autores em ascensão.

<i>La vuelta al día en ochenta mundos</i>	Julio Cortázar	1970	Crónica	Mad., Siglo XXI Editores (v.o.1967, Méx.)
<i>Historia secreta de una novela</i>	Mario Vargas Llosa	1971	Ensaio	Id.
<i>Tres tristes tigres</i>	Guillermo Cabrera Infante	1971	Romance	2. ^a ed., Bcn, Seix Barral, col. Biblioteca Breve (v.o. 1965)
<i>Historia personal del «boom»</i>	José Donoso	1972	Ensaio	Bcn, Anagrama

Fonte: Espólio de JAR.

A ditadura considerava que muitas dessas obras eram «subversivas», i.e., alimentavam a cultura de resistência cívica de parte crescente de segmentos da sociedade lusa. Sobretudo as obras políticas, ou de pendor marxista, revelando uma sintonia de orientação da censura portuguesa com a espanhola, a qual desde os anos 1960 se focara no livro político⁸. Um dos livros apreendidos em 1970 foi *Marxismo y anti-marxismo*, de Julián Besteiro, na edição de 1967 da ZYX: apesar de ser uma obra crítica do marxismo, falar deste assunto era tabu. Mas nos livros banidos da Ulmeiro havia também vários livros de ciências sociais e humanidades, i.e., muito ensaio, incluindo algum sobre literatura e estética (cf. livros de Sebag, Terron e Sastre na Ilustração 2, que só lista os livros referidos nos autos da polícia política que foi já possível localizar). O ensaio, marxista ou outro, autóctone ou estrangeiro, era então uma das predilecções destes agentes engajados bem como do seu auditório⁹.

Ilustração 2: livros de autores e/ou editores espanhóis e/ou de temática ibérica apreendidos na Ulmeiro

Título	Autor	Auto de apreensão	Género literário	Obs.
<i>Marxismo y estructuralismo</i>	Lucien Sebag	7/4/1970	Lit. ^a , teoria	Mad., Siglo XXI, 1969
<i>Marxismo y anti-marxismo</i>	Julián Besteiro	6/5/1970	Política	Murcia, ZYX. 1967 v.o.1935
<i>Sociologia de Marx</i>	Henri Lefebvre	Id.	Sociol., teoria	Bcn, Península, 1969
<i>Del socialismo utópico al socialismo científico</i>	Engels	12/12/1970	Política	M., Ricardo Aguilera Editor, 1968
<i>Aspectos sociales de la psicología moderna</i>	AAVV	Id.	Psicologia	Mad., Ayuso, 1970
<i>El joven Unamuno (influencia hegeliana y marxista)</i>	Manuel Pizán	Id. e 16/2/1971	Filosofia	Mad., Ayuso, 1970

⁸ ROJAS, Francisco. «Poder, disidencia editorial y cambio cultural en España durante los años 60». *Pasado y Memoria*, 5 (2006), p. 61.

⁹ Sobre o tema vd. *Ibid.*, p. 70-72 e ROJAS, Francisco. *Dirigismo cultural y disidencia. Op. cit.*, p. 84-86.

<i>La filosofía de Ésquilo</i>	George Thomson	Id.	Filosofia	Mad., Ayuso, 1970
<i>Possibilidade de la estética como ciencia</i>	Eloy Terron	Id.	Arte	Mad., Ayuso
<i>Histórias do cárcere: contos</i> [<i>Cuentos carcelarios</i>]	Juan Gómez Casas	1/10/1970 e 18/11/1970	Contos	Lx, Ulmeiro
<i>Historia de la Comuna de 1871</i>	Lissagaray	18/2/1971	História	Mad., Artiach editorial
<i>De Martí a Castro</i>	José Martí e Fidel Castro	Id.	Política	Edit. Grijalbo, 1970; Bcn, Ediciones Grijalbo, 1974
<i>La confesion</i>	Arthur London	Id.	Autobio	Mad., Editorial Ayuso, 1970, v.o. 1968
<i>Le franquisme</i>	Jacques Georgel	Id.	História	P., Éditions du Seuil, 1970
<i>La revolución y la crítica de la cultura</i>	Alfonso Sastre	Id.	Cult.; Pol. ^a	Bcn, Ed. Grijalbo, 1970
<i>Guerrillas y contraguerrillas,</i>	W. J. Pomeroy	20/3/1972	Política	Edit. Grijalbo, 1967
« <i>El capital</i> » – visto por su autor	Marx e Engels	Id.	Política	Edit. Grijalbo, 1970; Bcn, Ediciones Grijalbo, 1974
« <i>El capital</i> » de Marx y el capitalismo	Bagaturia e Ardaiev	Id.	Política	Juan Grijalbo Editor, 1968
<i>El socialismo anterior a Marx</i>	Graco Babeuf, Blanqui, Fourier, Saint Simon <i>et al.</i>	Id.	Política	Edit. Grijalbo, 1969
<i>El socialismo y el hombre en Cuba</i>	Che Guevara	Id.	Política	Grijalbo, 1971, v.o. Havana, Ediciones R, 1965
<i>Clases y lucha de clases</i>	Glezerman e Smenov	Id.	Política	Ed. Juan Grijalbo, 1968
<i>El comunismo</i>	Kniazeba	Id.	Política	Ed. Juan Grijalbo, 1968
<i>El proletariado y su organizacion</i>	Jose Carlos Mariategui	Id.	Política	Edl. Grijalbo, 1969
<i>El marxismo y los caminos del porvenir</i>	Waldeck Rochet	Id.	Política	Edit. Grijalbo, 1969
<i>Recuerdos sobre Lenin</i>	Clara Ztekin	Id.	Política	Edit. Grijalbo, 1968

Fonte: Esp. JAR; IANNT. Nb: as edições de Grijalbo provêm de México (D.F.) excepto indicação diversa.

A análise dos dados compulsados na documentação da polícia política permite concluir que a divulgação, pela Ulmeiro, de obras de autores ibero-americanos ou de autores de

perfil progressista editados em Espanha (e na Cidade do México, via Grijalbo, depois reeditados em Barcelona), em especial de pendor marxista e/ou terceiro-mundista, foi um dos principais motivos para a sanha persecutória oficial contra essa instituição e, também, o que lhe granjeou prestígio junto de meios oposicionistas e culturais.

A Ulmeiro editou em 1970 o referido *Histórias do cárcere*, tradução de um livro editado em Madrid pela ZYX (em 1968) e que divulgava o relato do preso anarquista espanhol Gómez Casas. A primeira tiragem foi então quase toda apreendida pela polícia política (cerca de 2 mil exemplares), na livraria Ulmeiro e nos pontos de venda, embora o auto só refira dois exemplares e, dez dias depois, a censura tenha autorizado a sua circulação¹⁰. A devolução posterior, quando se fazia, era só de alguns exemplares e obrigava à deslocação da vítima à sede da polícia política: a ditadura simulava uma face de legalidade enquanto na sombra persistia com práticas ilegais, cínicas e danosas. *Histórias do cárcere* foi o nº 2 da Cadernos Peninsulares, colecção inicial da Ulmeiro para tributo aos pensadores ibéricos.

Outra vertente relevante nestas redes de circulação do livro e das ideias entre capitais foram as tertúlias em torno da literatura ibero-americana. Na Ulmeiro, por exemplo, participaram nos anos 1970 poetas como Manuel María e amantes da literatura espanhola como José Bento e Fernando Assis Pacheco.

Em 1973, JAR e alguns cúmplices fundaram em Lisboa outra editora *engagée*, a Assírio & Alvim, buscando iludir os seus perseguidores oficiais, que debilitaram a Ulmeiro com apreensões massivas e regulares de livros. Para ela transferiram a Cadernos Peninsulares (renomeada Peninsulares), que brevemente se tornaria uma colecção icónica no panorama editorial luso, divulgando muitos nomes da literatura espanhola, como Unamuno. Inauguraram ainda a Colecção Mínima com a tradução de *História secreta de una novela*, que contém reflexões pessoais relativas à construção do segundo romance de Vargas Llosa, *A casa verde* (v.o. 1965), sobre a opressão na América Latina.

3. Os novos subversivos de Madrid e as redes de exilados: os exemplos de Jesús Ayuso, Grijalbo e ERI

O resistente Jesús Ayuso, que dirigia a subversiva livraria Fuentetaja, no coração de Madrid (calle San Bernardo, 48), desde 1957, elegeu o ano de 1969 para se lançar numa nova frente de batalha, criando um selo próprio, Ayuso. O respectivo catálogo combinaria ficção, poesia e ensaio (sobretudo de cariz marxista), portanto, similar ao da Ulmeiro e doutras congéneres espanholas. Teve o estímulo/suporte de outros e acolheria mais tarde o *stock* bibliográfico da editora Ciencia Nuova. Fuentetaja cedo foi sinalizada pela polícia política madrilenha como antro de livros subversivos e de tertúlias veladas¹¹. Dois dos livros da Ayuso alvo de perseguição foram *El joven Unamuno*, do jornalista e professor de filosofia Manuel Pizán (1943-78), e *La filosofía de Ésquilo*, por si também prefaciado¹². A Ayuso teve especial ligação aos meios estudantis, via sucursal da sua livraria na Facultad de Sociología y Políticas da Universidad Complutense de Madrid.

Além dos novos subversivos, a Espanha resistente teve forte vínculo às redes criadas pelos exilados veteranos que fugiram à repressão franquista. É disso expoente Juan Grijalbo Serres (1911-2002), exilado inicialmente em Paris, onde cofundou a editora

¹⁰ Testemunho de JAR. A documentação oficial está em DGLAB/ Arq.º PIDE/DGS/ Pide, SC, CI(1) 2224, NT 1242, pt. 2, fls. 88-92.

¹¹ ROJAS, Francisco. *Dirigismo cultural y disidencia. Op. cit.*, p. 140-323 e MENGUAL, Josep. «La Biblioteca Silenciada de la Editorial Ayuso». *Negritas y cursivas*, 1/2/2019.

¹² ANÓNIMO. «Manuel Pizán Domínguez 1943-1978». *Proyecto Filosofía en español*, 2012.

Atlante (para o Partit Socialista Unificat de Catalunya, em 1939), depois transferida para a capital mexicana, ajudando muitos intelectuais espanhóis refugiados¹³. Deu outro contributo para esta «capital editorial do exílio» ao fundar a Editorial Grijalbo, em 1957, a qual distribuiu os seus livros incendiários e/ou de forte pendor crítico teorizante nas capitais ibéricas, em livrarias como a Fuentetaja e a Ulmeiro¹⁴. Um desses livros foi *La revolución y la crítica de la cultura*, do intelectual basco Alfonso Sastre, que se tornou texto de referência em teoria da cultura. Realce-se que aquela era capital dum país que ganhou ascendente na circulação do livro ibero-americano muito graças à acção destes exilados, já antes ligados à indústria do livro ou que então nela resolveram enveredar também como modo de resistência político-cultural e de perpetuação duma certa memória colectiva republicana. Quando retornou a Espanha, em 1962, Grijalbo fez questão de logo criar uma irmã-gêmea em Barcelona, a Ediciones Grijalbo, S.A., que prosseguiu o trabalho incómodo anterior.

Outra editora/editor que dinamizou a circulação do livro e da literatura ibero-americanas com conteúdo crítico foi Seix Barral, que a partir de Barcelona lançou traduções de obras do escritor antifascista José Cardoso Pires (v.g. *El delfín*, 1970, e *El huésped de Job*, 1972), donde, o intercâmbio e circulação não se limitavam à escrita nova da América Latina mas imbricavam-se também na conexão ibérica.

Ora, tal conexão teve na editora Éditions Ruedo Ibérico (ERI) outro dos seus exemplos mais expressivos e influentes. Esta editora foi fundada em Paris por um grupo de exilados espanhóis, no qual pontificavam José Martínez, Jorge Semprún e Goytisolo, em 1961. Nesse ano, lançaram a *Cuadernos Ruedo Ibérico*, revista de reflexão e intervenção política abertamente antifranquista mas também com um escopo de análise mais amplo (sobre a realidade europeia, as ditaduras e as democracias, o desenvolvimento, etc.), de pendor ensaístico, crítico, sociológico, etc. Foi um fórum influente nos anos 1960-70, que registou um reforço do seu impacto visual e crítico em 1970-72 através da diversificação e aprofundamento corrosivo do humor gráfico. Dois dos expoentes desse humor iconoclasta eram portugueses antissalazaristas: Vasco (de Castro), exilado em Paris, e Lima de Freitas, que se autoexilou por Paris e outras cidades durante alguns anos. Vários desses *cartoons*, em especial a série com que Vasco caricatura Franco de modo decrépito ou zoomórfico, terão forte impacto junto de círculos franquistas, levando a uma imediata retaliação oficial com prisão de colaborador da revista e a uma operação de contra-informação¹⁵.

Com Vasco, reforça-se o nexu entre criação *engagée* e capitais cosmopolitas, porquanto publicara ainda caricatura política na grande imprensa de Paris desde 1962, aí fundara a primeira revista *underground* francesa em 1969 (a IX, logo suspensa pelo ministro do Interior Pompidou)¹⁶ e aí criaria a Éditions Champ du Possible, em 1973¹⁷.

A ERI publicou ainda em Paris livros críticos ou denunciadores do salazarismo e do colonialismo luso, que tinham venda legal na Europa democrática e circulação clandestina nas capitais ibéricas. Destaque para *El Portugal de Salazar*, de Peter Fryer e Patricia McGowan Pinheiro, com edições parisienses de 1962 e 1963 com fotos de Cartier-Bresson (então na Magnum). Este texto, com v.o. inglesa de 1961, teve tiragem de 6 mil exemplares naquela segunda edição e ainda uma versão em língua francesa em

¹³ MENGUAL, Josep. «Los inicios de Grijalbo». *Negritas y cursivas*, 20/12/2013.

¹⁴ SÁNCHEZ-ILLÁN, Juan Carlos. «Los editores españoles en el exterior. El exilio». *Historia de la edición en España (1939-1975)*. Madrid: Marcial Pons, 2015, p. 551.

¹⁵ Sobre o tema vd. SARRÍA, María Arántzazu. «Sátira y caricatura desde el exilio: en torno a la figura del general Franco». *Humor y política en el mundo hispánico contemporáneo*. Nanterre: PILAR, 2006, p. 84-92 e «Dibujo y caricatura en CRI». Éditions Ruedo Ibérico, s.d.

¹⁶ VASCO, SOUSA, Osvaldo de. *Viagem ós amares da China*. Lisboa: s.e., 1987, p. 36 e 52.

¹⁷ MARCOS, Luís Humberto. *Vasco*. Porto: Museu Nacional da Imprensa, 2001, p. 10-11 e 99.

1963. Outro livro da ERI a realçar neste âmbito foi o *Canto do papão lusitano*, do alemão Peter Weiss, texto da sua peça homónima.

4. Edição de exílio e edição alternativa de Paris: da ERI a Maspero

A incisiva actividade da ERI foi viabilizada pelo patrocínio de François Maspero, o livreiro-editor icónico do ambiente contestatário da Paris de 1960-70, que lhe deu apoio logístico e administrativo decisivo (além de ter aceitado ser director-geral da publicação para facilitar a legalização), desse modo se convertendo em militante de causas próprias e alheias. O apoio logístico não se limitou a facultar um armazém para guardar os livros, mas também escritório e espaço de livraria para distribuírem a revista e os livros.

Maspero (1932-2015) descendia duma família de intelectuais e resistentes antifascistas e debutou como livreiro no quartier Latin, em L'Escalier. No mesmo bairro parisiense, retomaria a livraria La Joie de Lire em 1956, que com ele se tornou local de encontro dos militantes internacionalistas e das juventudes revoltadas¹⁸. Maspero tinha influências diversas, do antifascismo ao comunismo heterodoxo e conselheira. Em 1959, lançou as Éditions Maspero, estreando-se com um ensaio sobre a Guerra civil espanhola, *La Guerre d'Espagne*, de Pietro Nenni. Mas foi ao tema da Guerra da Argélia (1954-62) que dedicou as obras mais polémicas (e porventura mais marcantes), na icónica colecção Cahiers libres, sujeitando-se a severas punições oficiais que comprometerão irremediavelmente a saúde financeira da instituição. Na sua casa editora Maspero, publicará cerca de 1350 títulos em cerca de 10 milhões de volumes, antes de a trespassar a François Gèze e à Éditions de la Découverte, em 1982¹⁹. Tratou-se duma editora militante, divulgadora do pensamento crítico (v.g. col. Textes à l'appui) e que também apostou na literatura revolucionária e do Terceiro Mundo (v.g. col. Voix). Nesse âmbito, editou a partir de 1981 a versão francesa da revista *Tricontinental* (1967-), da OSPAAAL, fundada no mencionado encontro de Havana e suportada por 82 países «não alinhados»²⁰. Ambas as versões tiveram distribuição em Lisboa pela Ulmeiro²¹.

A Maspero alimentou a circulação de obras censuradas ou indesejadas entre Paris e as capitais ibéricas. Entre estas, cabe mencionar *Les damnés de la terre*, de Frantz Fanon (com prefácio incendiário de J.-P. Sartre, 1961), livro censurado pelos esbirros ibéricos mas também pela Justiça em França. A censura salazarista retaliaria também as edições portuguesa e mexicana dessa obra²². Outros livros da Maspero proibidos em Lisboa denunciavam abertamente o colonialismo luso: *Liberté pour l'Angola* (de 1962, pelo intelectual e activista político angolano Mário [Pinto] de Andrade), *La guerre en Angola* (de 1971, do mesmo autor em parceria com Marc Olivier) e *Le Portugal et la fin de l'ultra-colonialisme* (de 1963, pelo historiador inglês Perry Anderson).

¹⁸ HAGE, Julien. «François Maspero, homme protégé et éditeur protagoniste (1932-2015)». *La Revue du projet*, 49 (2015).

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ BOUAMAMA, Saïd. *La Tricontinentale. Op. cit.*

²¹ Após contacto de JAR com o coordenador da versão francesa, Émile Coppferman, em Paris (*apud* testemunho de JAR).

²² Respectivamente, *Os condenados da terra* (Lisboa, Ulisseia, s.d., proibida de circular em 1965) e *Los condenados de la tierra* (Cidade México, Fondo de Cultura Económica, 1963, denunciada pela polícia política em 1967). Vd. MELO, Daniel. «Circulação, apropriação e actualidade das ideias contra a Guerra Colonial». *Cultura*, vol. 34 (2015), p. 8.

5. Ramificações com extensão ibérica

Foi na revista *Présence Africaine* dinamizada por Mário Pinto de Andrade que uma nova editora do Porto se baseou para traduzir o famoso texto de Aimé Césaire, *Discours sur le colonialisme* (v.o. em livro pela parisiense Réclames, 1950, reed. pela *Présence Africaine* em 1955), publicando-o na sua colecção Cadernos para o Diálogo, disfarce da editora que assim simulava só existir enquanto colecção ocasional, a fim de adiar a perseguição oficial. O opúsculo levou o título de *Discurso sobre o colonialismo* (1971) e, segundo o editor (António Daniel Abreu), foram membros do Partido Comunista Português que trouxeram clandestinamente para o país aquela revista francesa²³. O livro era uma denúncia frontal da iniquidade do colonialismo ocidental e da hipocrisia da Europa, que acusava de ter uma civilização assente na opressão colonial e do proletariado desde há muito tempo e de ter sido incapaz de as solucionar até então. Nas palavras limiares de Césaire: «É permitido matar na Indochina, torturar em Madagascar, prender na África Negra e seviciar nas Antilhas. [...] uma vez que hoje me foi pedido que falasse sobre a colonização e a civilização, vamos direitos à mentira principal a partir da qual proliferam todas as outras. Colonização e civilização?»²⁴. O censor de turno denunciaria precisamente isso: «Trata-se duma diatribe contra a civilização ocidental, numa pseudo defesa das civilizações negra, oriental e índia. Para proibir»²⁵.

Abreu estava ainda ligado aos católicos progressistas e esta sua editora inspirou-se na sua homóloga madrilena, a Cuadernos para el Diálogo, revista fundada em 1963 por um grupo de democristãos (encabeçados pelo ex-ministro Joaquín Ruiz-Giménez) que depois se radicalizaria para o socialismo, e publicada pela Edicusa (anagrama de Editorial Cuadernos para el Diálogo SA) até 1978. A Edicusa tornar-se-ia editora de livros desde 1965²⁶.

No final de 1972, esta revista madrilena dedicou um dossiê à censura (nº XXXII extraordinário), no que era um afrontamento às ditaduras ibéricas: um dos seus textos, de Alfonso Comín (intelectual expulso em 1969 da editora Nova Terra por pressão oficial), continha citações dum influente ensaio denunciador da censura salazarista, «Técnica do golpe de censura», do escritor José Cardoso Pires, então exilado. Esse ensaio fora já reproduzido pelas revistas londrina *Index on Censorship* (em 3/1972) e parisiense *Esprit* (em 9/1972) e pelo jornal alemão *Die Zeit*.

Outro exemplo relevante foi o livro *La raya de Portugal: la frontera del subdesarrollo* (de Antonio Pintado e Eduardo Barrenechea), editado originalmente pela Edicusa em 1972 e que a novel editora portuense Afrontamento traduziria como *A raia de Portugal* em 1974. Passou o crivo porque o censor de turno calculou que o relato apenas possibilitaria a um selecto auditório potencial (induz-se que urbano e letrado por ser o público-alvo costumeiro) reflectir sobre realidades sociais duras mas distantes e que

²³ Vd. notas de Filipa César em CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Berlim/Porto: Bom Dia Boa Tarde Boa Noite, 2012, s.p. A polícia política enviara um exemplar do livro para leitura censória a 6/12/1971, apenas dois dias após a sua colocação à venda nas livrarias (vd. *fac-simile* do relatório 9253 da DGS, com despacho de 11/01/1972 apenso na edição supracitada, reprodução parcial em http://www.mottodistribution.com/shop/media/catalog/product/cache/1/image/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/i/m/images-discurso-3_1.jpg). O livro fora «composto e impresso na Editora Poveira para o tradutor [Carlos S. Pereira]», um modo de ludibriar a censura, e tivera arranjo gráfico de Jaime Azinheira (1944-2016), pai da artista que fará esta reedição da obra, Filipa César.

²⁴ *Ibid.*, p. 6.

²⁵ *Ibid.* (vd. *fac-simile* supracitado).

²⁶ MAUÉS, Flamarion. *Livros que tomam partido*. Lisboa: Parsifal, 2019, p. 270-272 e ROJAS, Francisco. «Poder, disidencia editorial...». *Op. cit.*, p. 67.

presumivelmente seriam atenuadas com a expansão do progresso trazido pelo regime e/ou pela sociedade.

Uma revista que assumiu explicitamente o intercâmbio cultural ibérico foi *SÍNTESE - Cadernos Ibéricos de Cultura[,]* *Informação e Crítica / Síntesis. Cuadernos Ibéricos de Cultura[,]* *Información y Crítica*, focada nas artes e ciência (embora generalista) com autores maioritariamente ibéricos, edições separadas em português e castelhano e preço nas moedas de ambos os países. Tratou-se duma revista numerada mas que se afirmou não periódica, e foi lançada pela Editorial Lux, que publicava então em Lisboa o influente *Jornal de Letras e Artes* (1961-70), que também divulgou autores contemporâneos de Espanha²⁷.

Outra obra importante foi *Poetas catalães de hoje*, antologia organizada, traduzida e anotada por Manuela Rocha, editada pela Centelha em 1972 e distribuída pela Ulmeiro.

Numa das suas idas a Espanha, o mentor da Ulmeiro deixou as *Obras completas de Fernando Pessoa* (Lisboa, Ática, 1943) na Alianza Editorial, incentivando a sua descoberta e tradução junto de conhecidos, como Javier Pradera, cofundador do *El País* e da Siglo XXI de España Editores²⁸. Também ofertou exemplares a Javier Abásolo e Mario Quintan, daquela editora, e a José António Llardent, tradutor-editor de *Breve historia de la literatura portuguesa*, de António José Saraiva (Madrid, Istmo, 1971). A fortuna editorial consistente de Pessoa em Espanha vinha dos anos 1950, com Ángel Crespo (v.g. *Poemas de Alberto Caeiro: selección*, Madrid, Ed. Rialp, 1957), mas o conjunto de traduções mais expressivo só arrancaria na viragem dos anos 70 para os 80, num contexto democrático de maior intercâmbio e abertura culturais entre os países ibéricos²⁹.

6. Conclusões preliminares

As redes ibéricas do livro que se desenvolveram a partir do dinamismo cruzado entre Lisboa, Madrid, Barcelona, Porto e suas conexões com outras cidades da península e diversas urbes ocidentais mais cosmopolitas (em especial da Europa e América Latina) deram um contributo relevante para a circulação de textos, ideias e perspectivas em contexto ditatorial e de Guerra Fria (anos 1960-70).

Este dinamismo cultural ancorou-se em legados culturais mais recuados, decorrente das relações passadas entre metrópoles ibéricas e suas colónias na América, das redes oitocentistas do Atlântico sul (capitaneadas pelos livreiros e editores franceses), mas também legados mais recentes, como o exílio de antifascistas espanhóis e portugueses desde os anos 1930-40 e seu envolvimento na edição latino-americana, especialmente activo nos anos 1960-70. Entre os principais enfoques ou tópicos por esta abordados figuram o terceiro-mundismo, o anti-imperialismo e o marxismo, o debate anticolonialista e antissalazarista.

²⁷ Incluíu textos de intelectuais e artistas como Bruno da Ponte, Maurice Maeterlinck, Fernando Pernes, Félix Grande, Eduardo Tijeras, Víctor Manuel Nieto Alcaide, Miguel A. Coria, Fernando Moreno, Víctor Aúz e Azevedo Martins (estes dois os directores), Mário Cesariny, Raul Torres, etc.

²⁸ Testemunho de JAR.

²⁹ BLANCO, José. «Pessoa, Fernando – História da edição internacional». *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008, p. 631/2; SÁEZ, Antonio; PIZARRO, Jerónimo (org.). *Fernando Pessoa em Espanha*. Lisboa: BNP e Babel, 2014, p. 13-24. Ainda sob ditadura sairá *Poemas escogidos*, por Rafael Santos Torroella (Barcelona, Plaza & Janes, 1972). Também pioneiros pessoanos, embora além-Atlântico, foram Rudolfo Alonso (*Poemas*, Buenos Aires, 4/1961), Octavio Paz (*Antología: selección*, México, Universidad Autónoma, 1962) e Francisco Cervantes («Oda marítima», *Ecuador 0° 0' 0"* *Revista de Poesía Universal*, México, 1963).

Neste texto examinaram-se alguns dos principais nexos destas redes, a saber:

1) o circuito Lisboa-Madrid-Barcelona, tendo como *pivot* a livraria-distribuidora-editora Ulmeiro e como cúmplices activas várias congéneres de Madrid e Barcelona (Ayuso, Cuadernos para el Diálogo, Manel Aisa Libros, Grijalbo, etc.);

2) Madrid e circuitos mais activos de exilados republicanos (Ayuso com Grijalbo e ERI);

3) o circuito Paris-Madrid-Barcelona-Cidade do México, em estreita conexão com o anterior mas salientando-se aqui o ascendente de François Maspero e outros editores e livreiros franceses então mais ligados à edição engajada e à edição alternativa.

Analísaram-se ainda outras importantes ramificações com extensão ibérica, como os “duplos” Cadernos para o Diálogo (os editados em Madrid e no Porto), a revista *Síntese*, a dinamização das edições em torno de Fernando Pessoa e exemplos de antologias poéticas a partir de traduções no seio da Península Ibérica e algumas derivações latino-americanas.

A partir da análise dos intercâmbios operados nessas redes e conexões, da centralidade de certos movimentos nessa conjuntura dos anos 1960/70 (terceiro-mundismo, contestação estudantil, etc.) e da perseguição oficial movida pelos governos ditatoriais (mas também em contexto democrático, como no caso francês), foi possível evidenciar o papel *pivot* de certas livrarias-editoras/livreiros-editores (v.g., Ulmeiro/JAR, Ayuso, Grijalbo e Maspero) mas também de periódicos-editoras (Cuadernos para el Diálogo/Edicusa e *Tricontinental*).

No cômputo final, foram de proveniência espanhola (autores e/ou editores) cerca de 1/5 dos mais de 100 títulos apreendidos na Ulmeiro em 4 anos e meio. Cifra impressionante, que, junto com a relevância dos autores e obras referidas, comprova a importância do intercâmbio ibérico dissidente no reforço duma esfera de resistência e alternativa político-cultural e editorial na Ibéria autocrática dos anos 1960 e 1970, no qual as suas cidades capitais tiveram papel dinamizador central. Para este labor há que juntar ainda as várias tertúlias ibéricas realizadas na sede da Ulmeiro, a distribuição das obras referidas (entre venda, distribuição, edição e divulgação) e a promoção do poeta modernista Pessoa junto de editores espanhóis, permitindo vislumbrar que o labor da Ulmeiro não se cingiu a conceber o mundo da edição como uma arma de combate cívico ou ideológico, mas também enquanto intervenção estética e cultural no sentido mais amplo, de autonomia, consciencialização e formação individual e colectiva.

Bibliografia

ALEXANDRE, Valentim. «Portugal, o Império e a maré anticolonial (1945-1975)». *Casa dos Estudantes do Império*. Lisboa: Edições 70, 2017, p. 19-33.

ANÓNIMO. «Manuel Pizán Domínguez 1943-1978». Proyecto Filosofía en español, 2012. Url: <http://www.filosofia.org/ave/001/a380.htm> [Consulta: 03-07-2020].

BLANCO, José. «Pessoa, Fernando – História da edição internacional». *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008, p. 630-634.

BOUAMAMA, Saïd. *La Tricontinentale*. Paris/Genebra: Éditions Syllepse/CETIM, 2016.

BRIEUX, Jean-Jacques. «La Tricontinentale». *Politique étrangère*, vol. 31, 1 (1966), p. 19-43.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Berlim/Porto: Bom Dia Boa Tarde Boa Noite, 2012 (notas e org. de Filipa César).

«Dibujo y caricatura en CRI». Éditions Ruedo Ibérico, s.d.
Url: <http://www.ruedoiberico.org/galerias/?cat=12> [Consulta: 03-07-2020].

HAGE, Julien. «Tribunes éditoriales de l'anti-impérialisme latino-américain en Europe dans les années 1960 et 1970». *La diplomatie par le livre*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011, p. 363-377.

HAGE, Julien. «François Maspero, homme protégé et éditeur protagoniste (1932-2015)». *La Revue du projet*, 49 (2015). Url: <http://projet.pcf.fr/75172> [Consulta: 03-07-2020].

MARCOS, Luís Humberto. *Vasco*. Porto: Museu Nacional da Imprensa, 2001.

MAUÉS, Flamarion. *Livros que tomam partido*. Lisboa: Parsifal, 2019.

MELO, Daniel. «Circulação, apropriação e actualidade das ideias contra a Guerra Colonial», *Cultura*, vol. 34 (2015), p. 249-267.

MELO, Daniel. «“Se cambian los tiempos, se cambia la voluntad”: edición, lectura y cambio cultural en el Portugal de los largos años sesenta». *Cercles*, vol. 21 (2018), p. 15-45.

MELO, Daniel. «The Contribution of Lusophone publishing in the autonomy of the periphery: exile, diaspora, anti-colonialism and national literature in Africa». *Modernity, Frontiers and Revolutions*. Leiden: Taylor & Francis Group, 2018, p. 407-414.

MELO, Daniel. «José Antunes Ribeiro (Alburitel, 1942-)». *Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI) - EDI-RED*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 12/2019. Url: <http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/jose-antunes-ribeiro-alburitel-1942--semblanza-980203/> [Consulta: 03-07-2020].

MENGUAL, Josep. «Los inicios de Grijalbo». *Negritas y cursivas*, 20/12/2013. Url: <https://negritasy cursivas.wordpress.com/2013/12/20/los-inicios-de-grijalbo/> [Consulta: 03-07-2020].

MENGUAL, Josep. «La Biblioteca Silenciada de la Editorial Ayuso». *Negritas y cursivas*, 1/2/2019. Url: <https://negritasy cursivas.wordpress.com/2019/02/01/la-biblioteca-silenciada-de-la-editorial-ayuso/> [Consulta: 03-07-2020].

ROJAS, Francisco. «Poder, disidencia editorial y cambio cultural en España durante los años 60». *Pasado y Memoria*, 5 (2006), p. 59-80.

ROJAS, Francisco. *Dirigismo cultural y disidencia editorial en España (1962-1973)*. Alicante: Universidad de Alicante, 2013.

SÁEZ, Antonio; PIZARRO, Jerónimo (org.). *Fernando Pessoa em Espanha*. Lisboa: BNP e Babel, 2014.

SÁNCHEZ-ILLÁN, Juan Carlos. «Los editores españoles en el exterior. El exilio». *Historia de la edición en España (1939-1975)*. Madrid: Marcial Pons, 2015, p. 549-574.

SARRÍA, María Arántzazu. «Sátira y caricatura desde el exilio: en torno a la figura del general Franco». *Humor y política en el mundo hispánico contemporáneo*. Nanterre: PILAR, 2006, p. 77-97.

VASCO, Osvaldo de Sousa. *Viagem ós amares da China*. Lisboa: s.e., 1987.